

Nietzsche e a *realidade* enquanto *aparência*

Ryam Santos das Neves¹

RESUMO: O presente artigo versa sobre o conceito de *realidade* no pensamento de Friedrich Nietzsche. Exploramos a crítica de Nietzsche à metafísica e sua interpretação da realidade como *aparência*. Neste sentido, propomos um estudo de caráter conceitual e bibliográfico, de modo que, através dos escritos nietzschianos, tais como: *Humano demasiado humano* (2005), *A Gaia Ciência* (2012) e *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-moral* (2007), pudéssemos interpretar a ruptura com a visão metafísica do mundo, caracterizada por uma abordagem essencialista e dualista. Frente a isso, é importante problematizar sobre a *realidade* é enquanto *aparência*. Nietzsche acredita que não existe uma entidade metafísica que esteja subjacente à nossa compreensão do mundo. Isso porque nossa forma de interpretação está intimamente relacionada aos mecanismos biológicos e socioculturais do corpo. Aspectos que se infiltram em nós. Tais fatores são, portanto, responsáveis pelos erros, verdades ilusórias que se tornam absolutas para nós devido ao esquecimento. Criticamente, Nietzsche fornece uma base epistemológica baseada em interpretações e perspectivas que podem aprofundar a forma como entendemos a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Realidade. Aparência. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre o conceito de realidade no pensamento de Friedrich Nietzsche. Exploramos a crítica de Nietzsche à metafísica e sua interpretação da realidade como *aparência*. Neste sentido, propomos um estudo de caráter conceitual e bibliográfico, de modo que, através dos escritos nietzschianos, tais como *Humano demasiado Humano* (2005), *A Gaia Ciência* (2012) e *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-moral* (2007), pudéssemos interpretar a ruptura com a visão metafísica do mundo, caracterizada por uma abordagem essencialista e dualista.

Neste sentido, cremos que a realidade é enquanto *aparência*, e que, para Nietzsche, não há nenhuma substância metafísica que fundamente a nossa compreensão de mundo, pois nosso modo de interpretação está intimamente ligado às engrenagens biológicas corporais, assim como os aspectos socioculturais que nos perpassa. Tais fatores, são, portanto, responsáveis por um engano, uma verdade ilusória, que, por esquecimento, torna-se para nós absoluta. Assim, criticamente, Nietzsche propõe um alicerce epistêmico pautado na interpretação e no perspectivismo que possa aprofundar nossos modos de compreensão da vida.

1 Mestrando em Metafísica – Universidade de Brasília. Email: ryam.musica.17@gmail.com

1 A ESSÊNCIA E A APARÊNCIA

Friedrich Nietzsche, em suas reflexões, constrói sua abordagem filosófica da *realidade*, argumentando que ela não é uma entidade objetiva e absoluta, mas sim uma construção biológica, psicológica e subjetiva, onde o homem, como animal, enxerga o mundo diante de critérios fisiológicos. Nesse sentido, Nietzsche defende que a realidade é *aparência*, um engano que não só nos impede de alcançar a verdadeira essência das coisas, como também questiona a própria concepção de “verdadeira essência”, visto que *existência* e *essência* também são interpretações.

Portanto, segundo Nietzsche, a ideia de uma realidade objetiva é uma *ilusão* oriunda de uma busca por *sentido* do mundo e das experiências que nos transgridem, designada, por ele, de *necessidade metafísica*. Nossa percepção do mundo é moldada por uma fisiologia que, através de seus mecanismos, dá uma forma de percepção da realidade. Desse modo, a realidade experienciada pelo animal homem é subjetiva no sentido de que ela está composta por engrenagens biológicas que criam uma aparência precisa do mundo, e exclui a possibilidade de uma *coisa em si*. Nietzsche escreve em *Humano demasiado humano* (2005) no aforismo 15 que “*Não há interior e exterior no mundo*”, que o conflito de interioridade e exterioridade, trata-se de um engano, um empobrecimento da interpretação filosófica:

Assim como Demócrito transferiu os conceitos de “em cima” e “em baixo” para o espaço infinito, onde não têm sentido algum, os filósofos transportam o conceito de “interior e exterior” para a essência e a aparência do mundo; acham que com sentimentos profundos chegamos ao profundo interior, aproximamo-nos do coração da natureza. Mas esses sentimentos são profundos apenas na medida em que com eles, de modo quase imperceptível, se excitam regularmente determinados grupos complexos de pensamentos, que chamamos de profundos; um sentimento é profundo porque consideramos profundo o pensamento que o acompanha. Mas o pensamento profundo pode estar muito longe da verdade, como, por exemplo, todo pensamento metafísico; se retiramos do sentimento profundo os elementos intelectuais a ele misturados, resta o sentimento forte, e este não é capaz de garantir, para o conhecimento, nada além de si mesmo, tal como a crença forte prova apenas a sua força, não a verdade daquilo em que se crê. (NIETZSCHE, 2005, n.p)

A sujeição à interioridade, responsável por revelar a verdade, trata-se de uma contradição haja vista que a crença no *Eu*, como residual, é uma derivação da percepção aparente do mundo: o homem se esquece de sua natureza.

Vê-se no encadeamento interpretativo que a realidade possui também uma perspectiva linguística: a linguagem então é uma *simbologia* na qual o ser humano vislumbra o mundo e o transforma, por um exercício da *vontade de poder*. A linguagem, para Nietzsche, trata-se de

um signo arbitrário, onde a *aparência* ganha uma imagem acústica que a representa e evoca a imagem na mentalidade do ser humano. A articulação fonética, portanto, trata-se de uma produção fisiológica que provoca sons em forma de palavras. As palavras, enquanto signos, tratam de representar a realidade. As palavras estão vinculadas a um grupo semântico que formam um léxico e, a partir dele, a expressão física da realidade torna-se possível:

Acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas, que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais. Tal como o som sob a forma de figura de areia, assim se destaca o enigmático “x” da coisa em si, uma vez como estímulo nervoso, em seguida como imagem, e, por fim, como som. (NIETZSCHE, 2007, p. 33)

Essa designação fonética, após sua sistematização na língua como instrumento social, surge no consciente humano erroneamente como *em si*. Uma percepção que aparentemente está impregnada na realidade, como se ela não estivesse somente na imaginação.

Desse modo, compreendemos que a linguagem é uma ferramenta de comunicação das nossas ideias que são impressões da realidade, isto é: a ideia é também uma *aparência*. “Falamos sobre uma serpente: a designação não tange senão ao fato de serpentear, e, portanto, poderia servir também ao verme” (NIETZSCHE, 2007, p. 31).

As palavras e narrativas as quais descrevem o mundo, são arbitrariedades em que construímos uma realidade de relações perpetuadas e impregnadas na imaginação dos seres humanos. Nietzsche, portanto, defende que essa realidade construída pela linguagem não possui critérios objetivos, ela é uma criação subjetiva que sujeita nossas percepções à interpretação do mundo.

A filosofia nietzschiana, portanto, coloca-se contra os processos de subjetivação e objetividade que nortearam a criação de estratificações fixas na sociedade. Essa crítica propõe uma ruptura da ideia de que a subjetividade e a objetividade são conceitos imutáveis, defendendo que eles são efêmeros e constantemente mutáveis. Nietzsche defende que certas formas de cultura e subjetividade se impuseram como verdades absolutas e foram institucionalizadas, o que ele contesta. Ancoradas nesses processos “éticos” é que certos tipos metafísicos de cultura e de subjetividade se pretenderam verdades absolutas, institucionalizadas.

A partir dessas reflexões, Nietzsche rejeita a ideia de uma verdade absoluta ou de uma realidade objetiva que, através da ciência, seja alcançada:

Devem vir do seio do ser, do intransitório, do deus oculto, da ‘coisa em si’ — nisso, e em nada mais, deve estar sua causa!” — Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos; tal espécie de valoração está por trás de todos os seus procedimentos lógicos; é a partir desta sua

“crença” que eles procuram alcançar seu “saber”, alcançar algo que no fim é batizado solenemente de “verdade”. (NIETZSCHE, 2005, n.p.)

Neste fragmento, interpreta-se que as concepções lógicas que constroem a metafísica são afirmadoras de um engano. Os homens metafísicos acreditam, creem que o conhecimento verdadeiro advém de algo transcendental e inatingível, como o ser, Deus ou a *coisa em si*; na interpretação nietzschiana, tal comportamento é visto como um preconceito que afeta o pensamento e as ações dos metafísicos, levando-os a procurar por uma suposta verdade que, originalmente, é apenas uma invenção. A realidade *em si* mesma é aparente.

A busca por tal verdade trata-se um repúdio a vida na qual o ser humano manifesta anseios e abominação ao mundo existente. O engano para Nietzsche trata-se de uma vontade de aniquilação das aparências, que encontra seu fundamento em metafísica que, para ele, é uma manifestação da *decadência*:

No combate à metafísica, o filósofo ataca a distinção que ela estabelece entre mundo sensível e inteligível. Defende existir, no âmbito cosmológico, múltiplas forças agindo e reagindo umas em relação às outras, que se traduzem, no domínio fisiológico, por numerosos seres vivos em luta permanente. Afirmando o pluralismo, é levado necessariamente a sustentar o perspectivismo. Entre eles, o vínculo é estreito: o mundo seria pluralidade de forças, cada qual com a sua perspectiva. Se a metafísica postula a existência de um mundo verdadeiro, é por desprezar o que ocorre aqui e agora; se opõe aparência e realidade, é por ignorar que esta nada mais é do que um feixe de perspectivas. (MARTON, 1990, p. 212)

A verdade, portanto, nasce de um declínio moral à realidade. Compreende-se que a busca pela coisa *em si* é uma recusa do mundo aparente: nossa interpretação subjetiva da realidade.

Interpreta-se na filosofia nietzschiana uma evocação das *perspectivas* da realidade: tais interpretações sucedem de uma oposição à busca por uma verdade universalmente aplicável. Entretanto, não se trata de uma defesa a igual validade ou enobrecimento de todas essas perspectivas, uma vez que há na humanidade muitas interpretações *decadentes*.

Nietzsche argumenta que as interpretações da existência devem-se dispor de uma vontade afirmadora da vida. Essa reflexão sugere superar as limitações do corpo, da mente e da racionalidade. Nietzsche discorre sobre o conceito de alma que rompe a visão cristã tradicional, abordando diferentes aspectos.

Nietzsche procura superar o aplanamento da objetividade e da subjetividade na interpretação da vida, defendendo que as interpretações de maior valor devem adotar uma perspectiva mais profunda, que valorize a vida em seus nortes de complexidade e se liberte

das amarras: visões puramente objetivas ou subjetivas. Dessa forma, ele critica a rigidez e as limitações que surgem quando se adota uma visão reducionista da vida.

A afirmação da vida, desse modo, implica em resistir não apenas contra as limitações do corpo e da mente, mas também da razão e da ciência. É necessário transcender os limites impostos pelas visões unilaterais e performar uma abordagem mais holística e artística que dignifica a vida em sua totalidade.

A potência que sustenta as interpretações nietzschianas não está em serem inerentemente mais verdadeiras ou mais objetivas, mas na imanência da realidade, isto é: o mundo e a vida. Neste sentido, Nietzsche aborda a necessidade de adotar uma atitude crítica e cética em relação às narrativas dominantes e da filosofia julgar o valor da verdade, que se incorpora como um *crepúsculo dos ídolos*. A repugnância à realidade é responsável por uma conduta de engano; equívocos que nos levam ao abismo da ignorância:

As razões que fizeram “este” mundo ser designado como aparente justificam, isto sim, a sua realidade — uma outra espécie de realidade é absolutamente indemonstrável. Segunda tese. As características dadas ao “verdadeiro ser” das coisas são as características do não-ser, do nada — construiu-se o “mundo verdadeiro” a partir da contradição ao mundo real: um mundo aparente, de fato, na medida em que é apenas uma ilusão ótico-moral. (NIETZSCHE, 2017, p. 23)

Neste sentido, Nietzsche argumenta que as razões pelas quais chamamos este mundo de “aparente” são na verdade as mesmas razões que declaram sua realidade. A realidade metafísica é uma invenção, a verdadeira existência das coisas e a inexistência, o nada são frutos de nossa interpretação, nosso alcance epistemológico. O “mundo verdadeiro” foi construído a partir de contradições com o mundo real e tornou-se um mundo aparente. Ele descreve este mundo como uma ilusão, um engano, uma moral.

Nietzsche inspirado em Schopenhauer elabora um conceito hipotético denominado *vontade de poder*: um impulso fundamental das forças e vitalidades da existência, observa-se que a vontade é afirmativa, criativa e exaltante.

A *vontade de poder* que “exerce-se nos órgãos, tecidos e células, nos numerosos seres vivos microscópicos que constituem o organismo” (MARTON, 2016, p. 423) é uma expressão do viver, na qual o ser afirma-se e busca a superação de si, o homem que se dispõe a criar. Nietzsche compreende a vida como uma arte constante de afirmação e superação. A vontade de poder é a manifestação dessa força de vida, em que os seres humanos se afirmam e buscam transcender seus limites e condições existenciais, é a vontade de poder que os seres afirmam-se em suas próprias circunstâncias.

O homem que se dispõe a exercer o ato de criação, de acordo com Nietzsche, é aquele que se compromete a manifestar suas possibilidades e criatividade que podem transcender as convenções e valores morais. Deste modo, este artista está preparado para instaurar novos

conceitos, valores e modos de existência, confrontando as normas lhe são impostas. O homem que compreende a vida e reflete sua existência no mundo.

A vontade de poder é harmonização e expansão, ela não está limitada ao âmbito sociológico, visto que essa não é a preocupação da filosofia de Nietzsche, trata-se de um anseio de afirmação do interior, uma transformação constante, uma superação de si mesmo através da *potência*.

A *potência* fundamental que perpassa a existência, pode ser compreendida pela Fisiologia, o estudo sobre as múltiplas funções moleculares, mecânicas e físicas nos seres vivos: células que estão configuradas em um movimento de vitalidade. Este pode ser compreendido como o Norte para a existência do ser humano. Neste sentido, o filósofo Gustavo Camargo (2008, p. 106) discorre:

Não há como separar o pensamento de suas relações com a realidade. Isto porque esta própria “realidade” já é uma força em relação, já é desde sempre uma interpretação e não um fundamento, uma vez que é pensada a partir de um olhar próprio, não havendo algo anterior a isto.

O ser humano, ao negar as suas relações, condena a aparência ao erro, surge no homem um sentimento de repúdio às paixões, isto é, as nossas sensações que, nessa ordem, são responsáveis por nos alienar e levar-nos aos aspectos falsos da realidade: “o preconceito da razão nos obriga a estipular unidade, identidade, duração, substância, causa, materialidade, ser, vemo-nos enredados de certo modo no erro, *forçados* ao erro” (NIETZSCHE, 2017, p. 22).

Platão defende que o mundo sensível é um conjunto de cópias de um mundo inteligível. É necessário falar que, com isso, ele não está negando a existência das impressões sensíveis, seu interesse é alcançar aquilo que está além da matéria. Este além-mundo, é o lugar das verdades eternas que só são capturadas através da razão.

Admitindo que Platão esteja correto e que os objetos sensíveis são cópias imperfeitas das formas do plano inteligível, a existência delas é inegável, porém, enquanto cópias, elas têm existência relativa, pois estão subordinadas à passagem do tempo: a existência do que é material tem um caráter secundário ao que é inteligível. Tomando esses pressupostos enquanto verdadeiros, somos levados a considerar que valorizar a aparência é ser tomado por ilusões. Tragamos a poesia como exemplo: ela, mediante a exaltação da realidade aparente, estaria, em última análise, atapetando com véus as formas puras do reino inteligível.

Muito influenciado pela filosofia platônica, o filósofo Agostinho (2017) defende que a verdade se encontra na *interioridade* humana. A carnalidade é um estado de *pecado* e está contaminada por uma inclinação ao erro e ao engano. A ontologia agostiniana compreende o homem como um ser caído, condenado às miserabilidades da existência, ao medíocre, ao impuro e a mentira.

Através dessas reflexões, o filósofo constrói uma leitura semiótica que aborda, na sua filosofia, uma tentativa de resolução para os problemas: a partir da *iluminação divina*, um alicerce epistêmico que encontra na figura do Deus cristão, sua realização. Ver-se com isto que Agostinho abdica-se da vida em prol da eternidade, alcançada através do que ele conceitua como *Salvação*. “As verdades reveladas que formam as Sagradas Escrituras expressam o conhecimento divino, sendo, portanto, verdadeiras” (STORCK, 2003, n.p.).

Nietzsche traz em sua filosofia um projeto crítico que busca reafirmar a vontade de vida, realçada através de um elogio às aparências. O dualismo metafísico muito bem fundamentado por Agostinho terá ressonâncias em vários filósofos medievais e modernos; alguns tendo como norte principal a iluminação divina, outros através do predomínio da razão. A herança da tradição filosófica, bastante marcada na modernidade pela compreensão que tudo que existe, existe para o Sujeito, é criticada por Nietzsche como sendo apenas interpretação.

Deslinda-se assim o elogio nietzschiano à aparência compreendida na uniformidade da valoração da vida: investimento contra os processos de estratificação que se pretendem fomentar como *anti- naturais*.

O que é agora, para mim, aparência? Verdadeiramente, não é o oposto de alguma essência — que posso eu enunciar de qualquer essência, que não os predicados de sua aparência? Verdadeiramente, não é uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um desconhecido X e depois retirar! Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais — que, entre todos esses sonhadores, também eu, o “homem do conhecimento”, danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres de cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos é e será, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores, e, precisamente com isso, a duração do sonho. (NIETZSCHE, 2017, n.p.)

Neste fragmento, Nietzsche discute sobre o conceito de aparência e seu vínculo com a essência. Ele defende que a aparência não representa o contrário da essência: a essência é revelada através da aparência. As características do visível, do gosto ou do ouvir estão amparadas pela própria existência. A aparência não é uma máscara que impede a verdadeira sujeição do conhecimento, mas sim algo que atua e vive, algo que faz com que algo seja em sua personalidade. Nietzsche que se coloca como homem do conhecimento constrói uma metáfora de dança das almas, em que todo ser humano também participa dessa dança. A filosofia nietzschiana revela que o saber é uma ferramenta para prolongar essa dança terrena,

mantendo a universalidade do sonho e a compreensão mútua entre os seres, sustentando a continuidade dessa experiência que é cercada pela *aparência*, isto é, a própria *realidade*.

CONCLUSÃO

O entendimento de que a realidade é apenas uma aparência, busca curar as ilusões que, por nossa cognição, projetamos para dar sentido às nossas vidas. Uma cognição que se elege como verdade absoluta torna seu método tautológico abstrato e auto-validável logo nutre características *decadentes*.

A realidade possui uma fluidez e uma subjetividade que ganham valor através da *perspectiva*: não há uma verdade absoluta e objetiva, o que existe é uma pluralidade de perspectivas e interpretações. O ser humano, ao se perceber no mundo, o interpreta de acordo com suas próprias experiências, valores e aparatos neurológicos. Assim, a realidade é humana na medida em que nos encontramos nela.

A *aparência* - Imanência, o vir-a-ser como regra das relações neste plano, não como algo a ser revelado ou tomado como inacessível. - encontra-se em um nível de equilíbrio e ordem que são meras construções sociais e culturais. O que é considerado como verdade são resultados de um acordo histórico e humano erroneamente tomados como sendo *em si*: valores e padrões de comportamento que apenas impõem, em uma afirmativa aprisionadora do homem, limitando sua capacidade de criação e reinvenção. Nietzsche, deste modo, não se contrapõe a racionalidade, ele apenas a interpreta como demasiadamente humana.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Editora Schwarcz - Companhia das Letras. 2017.
- CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. *TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência*, v. 1, n. 2, 2008.
- MARTON, Scarlett. *Dicionário Nietzsche*. 2016.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Editora Companhia das Letras. 2017. (ebook)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. [s.l.]: Editora Companhia das Letras, 2005. (ebook)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Editora Companhia das Letras. 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Editora Companhia das Letras. 2005. (ebook)
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a Verdade e a Mentira no sentido Extra- Moral*. Editora Hedra; 1ª edição. 2007.
- STORCK, Alfredo. *Filosofia Medieval*. Editora Schwarcz - Companhia das Letras. 2003. (ebook)